

EDUCAÇÃO INDÍGENA: DO CORPO, DA MENTE E DO ESPÍRITO

*Daniel Munduruku**

RESUMO

A educação indígena sempre foi mostrada a partir de uma compreensão externa através dados empíricos situando no tempo e no espaço seu início e sua continuidade no presente. Mas, quando o interlocutor traz a voz das origens qual será o tratamento que pode apresentar sendo ele mesmo alguém que viveu no próprio corpo tanto a educação tradicional quanto a educação escolar? Nossa intenção é poder apresentar um olhar interno mesclando o saber tradicional e seu olhar holístico sobre educação e os diversos olhares que o ocidente pode oferecer.

Palavras-chave: educação indígena, oralidade, tradição e modernidade.

INDIGENOUS EDUCATION: BODY'S, MIND'S AND SPIRIT'S

ABSTRACT

Indigenous education has always been shown from the outsider's point of view, through empirical data, in order to establish its historical journey, its beginnings and actual status. However, when the real source speaks about its own origins, will Indigenous culture be approached in the same way? If the researcher or narrator is someone who belongs to Indigenous environment having lived

* Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde é doutorando e pesquisador CNPq, integrando o Grupo de Pesquisa Discriminação, Preconceito, Estigma. Escritor, tendo recebido diversos prêmios, entre os quais o Jabuti e o Prêmio UNESCO de Literatura Infanto-Juvenil de Promoção da Tolerância, Paris. Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República. E-mail: dmunduruku@uol.com.br

through both traditional education and urban schooling, his voice will most certainly bring about a brand new way of thinking. Our goal is to introduce a new approach to education in which traditional knowledge and holistic studies are intertwined so as to bring out other issues to be discussed along current western theories.

Keywords: Indigenous education, oral literature, traditional wisdom and current Western theories.

EDUCACIÓN INDÍGENA: DEL CUERPO, DE LA MENTE Y DEL ESPIRITO

RESÚMEN

La educación indígena siempre ha sido apuntada desde una comprensión externa por medio de datos empíricos que la sitúan en el tiempo y en el espacio su inicio y su continuidad en el presente. Pero cuando el interlocutor trace la voz de las orígenes ¿cual será el tratamiento que puede presentar siendo él mismo alguien que vivió en su propio cuerpo tanto la educación tradicional cuanto la educación escolar? Nuestra intención es de poder presentar una mirada interna mezclando el saber tradicional y su mirada holística sobre educación y las diversas miradas que el mundo occidental puede ofrecer.

Palabras-clave: educación indígena, oralidad, tradición e modernidad.

INTRODUÇÃO

Educar é fazer sonhar. Essa forma de falar sobre a Educação Indígena foi sendo construída à medida que fui refletindo sobre minha infância e adolescência no interior da cultura Munduruku, povo que está localizado nos Estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas e que tem um contato muito antigo com a sociedade brasileira:

(...) Minha compreensão aumentou quando em grupo deitávamos sob a luz das estrelas para contemplá-las procurando imaginar o universo imenso diante de nós, que nossos pajés tinham visitado em sonhos. Educação para nós se dava no silêncio. Nossos pais nos ensinavam a sonhar com aquilo que desejávamos. (...) Educar é fazer sonhar. Aprendi a ser índio, pois aprendi a sonhar. Ia para outras paragens. Passeava nelas. Aprendia com elas. Percebi que na sociedade indígena educar é arrancar de dentro para fora, fazer brotar os sonhos e, às vezes, rir do mistério da vida. (MUNDURUKU, 1996, p.38).

E foi vivendo a totalidade dessa cultura que descobri que a educação indígena é muito concreta, mas é ao mesmo tempo mágica. Ela se realiza em distintos espaços sociais que nos lembram sempre que não pode haver distinção entre o concreto dos afazeres e aprendizados e a mágica da própria existência que se “concretiza” pelos sonhos e pela busca da harmonia cotidiana. Isso, é claro, pode parecer contraditório à primeira vista, mas segue uma lógica bastante compreensível para nossos povos, pois não é uma negação dos diferentes modos de coexistência como se tudo fosse uma coisa única, mas um modo da mente operacionalizar o que temos a pensar e viver.

Já disse em “*O Banquete dos Deuses*” (2000), que não é hábito de nossa gente fazer conjecturas filosóficas a respeito da vida. Segundo os princípios que regem nosso existir, a vida é feita para ser vivida com a intensidade que o momento nos oferece. Essa “filosofia” se baseia na idéia do presente como um presente que recebemos de nossos ancestrais e pela certeza de que somos “*seres de passagem*”, portanto desejosos de viver o momento como ele se nos apresenta. Nessa visão está implícita uma noção de tempo alicerçada no passado memorial, mas nunca numa vazia idéia de futuro. O “futuro” é, pois, um tempo que não se *materializou*, não se tornou presente e, por isso, impensável para a lógica que rege nossa existência. Em alguns povos sequer existe palavra para expressar futuro tal como elaborou o ocidente mais no sentido utilitarista ligado à economia e à produção de riqueza. Para o pensar indígena a idéia de acumular, produzir, poupar ou guardar traz consigo uma concepção de tempo que empobrece a própria existência porque torna as pessoas mais vazias e egoístas.

Claro está que pensar assim dentro de um mundo marcado pela especulação - esta sim uma visão utilitarista do tempo - nos leva a uma compreensão dos motivos que marcaram a relação do ocidente com os povos originários. Foi uma relação impositiva regida pela violência tanto secular quanto religiosa. Ambos os olhares negavam humanidade aos povos indígenas porque traziam consigo uma noção de tempo e trabalho calcada no mito judaico-cristão da criação que pregava que o homem deveria dominar a natureza, submetê-la a seus caprichos e tirar dela tudo o que pudesse. Negavam, assim, a possibilidade destes povos terem construído uma cosmovisão baseada na unidade corpo/mente/espírito, pois isso jogava por terra a doutrina do poder cristão do rei e da igreja. Daí a cruz ser trazida para ser carregada pelos originários da terra e nunca pelos que a trouxeram; daí a espada que atravessou não apenas o corpo dos antepassados, mas também o seu espírito:

O primeiro ato indicativo da conquista foi a implantação de um marco de pedra em Porto Seguro, com a cruz de Cristo de uma lado e, de outro, as armas de Portugal. Psicologicamente, a cruz já estava presente no nome dado à ilha e na atitude constelada no inconsciente coletivo. A cruz, ou seja, o cristianismo, seria a perspectiva pela qual o contato com o desconhecido poderia ser compreensível para uma consciência européia, da mesma forma que como o padrão escolhido para moldar a nova realidade. (...) Não se trata de retórica: esse fato ocorreu e causou a extinção quase total da população nativa. Os descobridores transportaram a cruz através do oceano e a fincaram em terra fresca, mas nunca foram capazes de carregá-la sobre os próprios ombros – nem mesmos os jesuítas o fizeram. Os europeus deixaram que os índios carregassem a cruz enquanto se entregavam à plenitude de sua ganância na zona franca ao sul do Equador. (GAMBINI, 2000, pg. 43)

Ainda que ignorado, negado ou transformado pelos colonizadores - do corpo e da alma - o saber que sempre alimentou nossas tradições se manteve fiel aos princípios fundadores. E isso desnorteou os invasores dos idos de 1500 e continua desnorteando os invasores de nosso tempo que teimam em destruir as tradições originárias que permanecem resistindo, não sem muitas baixas, ao “*canto da sereia*” do capitalismo selvagem, cujo olhar frio concentra-se na fragilidade humana que é capaz de vender sua dignidade e ancestralidade em troca de um conforto e bem estar ilusórios.

E esta resistência permanece viva até nossos dias. E se mantém especialmente através de uma prática regida por uma tríplice concepção que, se não é uma teoria elaborada pela academia ocidental - embora ela também já a tenha descrito, mas sem proveito real como se pode ver na bibliografia citada -, o é pela experiência de vida, pela observação meticulosa dos fenômenos naturais e pela certeza de que “somos fios na teia”. A educação indígena só pode, pois, ser compreendida pela indissociabilidade da tríade corpo-mente-espírito, cada um desses pólos sendo o responsável pelo desabrochar dos sentidos, da experiência da vida e dos sonhos.

EDUCAÇÃO DO CORPO. EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS.

Aprendemos na aldeia, desde muito pequenos, que nosso corpo é sagrado. Por isso temos obrigação de cuidar dele com carinho para que ele cuide de nossas necessidades básicas. Aprendemos que nosso corpo tem ausências e que precisam ser preenchidas com nossos sentidos. Aprender

é, portanto, conhecer as coisas que podem preencher os vazios que moram em nosso corpo. É fazer uso dos sentidos, de todos eles.¹

É, portanto, necessário valorizar o próprio corpo e dá a ele os instrumentos para que possa cuidar da gente. Assim, é de extrema importância conviver com meu grupo de idade por ser ele que me vai “guiar”, dar um norte para as descobertas que meu corpo infantil precisa fazer. É nesta convivência que a criança indígena vai treinar a vida comunitária como uma necessidade ímpar para sua realização e compreensão do todo. Além disso, vai oferecer-lhe o olhar para seu entorno e descobrir que os sentidos, junto com os comportamentos que eles vão criando, representam sua única segurança e garantia de sobrevivência contra os perigos que a floresta traz.

Ao descobrir estes vazios que o corpo possui a criança indígena não vê com desprezo a necessidade de adquirir conhecimentos complementares. Ao contrário, ela percebe como é importante deleitar-se com eles num processo de aprendizagem que passa pela leitura do entorno ambiental. Vai compreendendo, então, que o ambiente a ser observado vai deixando marcas que dão sentido ao seu ser criança e à sua própria vida. Entende, então, que o uso dos sentidos confere sentido às suas ações: ganha sentido a leitura das pegadas dos animais, do voo dos pássaros, dos sons do vento nas árvores, do criptar do fogo, das vozes da floresta em suas diferentes manifestações. Conscientiza-se de que andar pela mata é mais que um passeio de distração ou diversão; que subir na árvore é mais que um exercício físico; que nadar no rio é mais que brincadeira; que produzir seus brinquedos é mais que um desejo de satisfação; que ficar horas confeccionando a cultura material de sua gente é mais que uma necessidade. A criança vai, aos poucos, entendendo que no seu corpo o Sentido ganha vida. Suas ações são norteadas pela ausência que mora em seu corpo e que precisam ser preenchidas por aquilo que dá razão à sua existência.

Por isso ela tem que crescer. Cresce para dar espaço às outras ausências que se fazem presente e que precisam ser preenchidas também. Agora, no entanto, não podem mais ser preenchidas apenas de modo informal. Será preciso formalizar e se antes ela apenas imitava os mais velhos, agora vai precisar mostrar que seu corpo está amadurecido para o novo que pede passagem. É neste momento que a criança, já não mais tratada assim, vai viver conscientemente seus rituais de maioridade: é a forma encontrada

¹ Uma bela reflexão sobre corporeidade e noção de pessoa é apresentada por Noronha Alves em sua dissertação de mestrado que foi publicada sob o título “O corpo Lúdico Maxacali”.

pelo corpo para exigir o passo seguinte. Vale lembrar que a noção de tempo aqui vivenciada é dada ao menino-quase-homem e à menina-quase-mulher por uma necessidade de viver intensamente seu momento, pois em seguida será exigido dele e dela um “esquecimento” do momento anterior, um “abandono” do corpo infantil. Meninas e meninos não deverão sentir saudades da fase anterior, pois a terão vivido plenamente.

Não vou me ater as outras etapas do crescimento, pois não é este meu objetivo. Basta dizer que até o momento em que um (a) indígena se torna adulto (a) - entre 13 e 15 anos -, seu corpo já está todo preenchido e saberá encontrar caminhos para sua sobrevivência física. Vai surgir, então, outro alimento que também foi sendo ministrado ao longo do mesmo processo para que seu corpo não fosse seduzido pelo vazio da existência: a educação da mente.

EDUCAÇÃO DA MENTE. EDUCAÇÃO PARA A VIDA.

Se educar o corpo é fundamental para dar importância ao seu estar no mundo, a educação da mente é indispensável para dar sentido a este estar no mundo. Se no corpo o Sentido ganha vida, é na educação da mente que o corpo o elabora.

Dizia ainda há pouco que na concepção do tempo indígena o presente é o único tempo real. O passado é memorial e o futuro uma especulação que quase não entra na esfera mental dos povos indígenas. Dizia isso para refletir como isso se choca frontalmente com a concepção linear, histórica que o ocidente desenvolveu. Para o homem pós-moderno o tempo passou a ter utilidade produtiva. A revolução industrial trouxe a tona a idéia de que “tempo é dinheiro”. A academia, por sua vez, concentrou suas pesquisas buscando dividir o conhecimento em tantas vezes quanto necessárias para dele tirar um produto consumível. Isso tornou o ocidental alguém voltado apenas para si e para seu sucesso individual. Tirou o foco do coletivo e lançou-o a busca da felicidade capaz de ser comprada pelo dinheiro.

Para o indígena, no entanto, o tempo é circular, holístico, de modo que vez ou outra os acontecimentos se encontram sem, no entanto, se chocarem. O passado e o presente ganham dimensões semelhantes e se reforçam mutuamente. Por isso o discurso indígena se apossa de elementos aparentemente distantes entre si, mas perfeitamente compreensíveis no contexto em que se encontram. É a *lógica da resignificação* dos símbolos que permite às gentes indígenas *passar* pelo passado utilizando instrumentos do presente e vice-versa também. É o momento em que a memória se

atualiza e absorve elementos novos fazendo com que a cultura se autorresignifique e dê respostas criativas às novas demandas trazidas pelo des-encontro iniciado com a chegada dos europeus às terras tupinambás.

Ora, a educação da mente para compreender esta concepção passa pela existência dos contadores de histórias. Quem são eles? São os que trazem para o presente o passado memorial. São aquelas pessoas, homens e mulheres, que assumiram o papel relevante de “*manter o céu suspenso*”, conforme compreensão Guarani. São os que lêem e relêem o tempo tornando-o circular. São os responsáveis pela educação da mente.

Quase sempre são velhos que já sentiram a passagem do tempo pelos seus corpos. São os guardiões da memória. Para muitos dos povos originários, estes velhos são “as bibliotecas” onde está guardada a memória ancestral. Daí sua importância para a manutenção da vida e do Sentido.

Lembro que para o povo Munduruku, ter sorte na vida é morrer velho. E quer-se morrer velho. O motivo é simples: cabe a ele ou ela o privilégio de manter a memória viva através das histórias que carregam consigo, contadas, elas também, por outros antepassados numa teia sem fim que se une ao princípio de tudo. Morrer velho é a garantia de que nosso povo não morrerá. Aos pais cabe a educação do corpo. São eles que fazem as crianças desejarem o aprendizado de coisas práticas que irão ajudá-las a suprir suas necessidades diárias enquanto crianças vivendo aquele momento e, mais tarde, quando se tornarem adultos. Já aos anciãos cabe a educação da mente e, conseqüentemente, do espírito.

É, pois, através do ato de ouvir histórias, contadas pelos guardiões da memória, que nossa gente educa sua mente de modo que o indígena vive no corpo aquilo que sua mente elabora pela silenciosa e constante atenção aos símbolos que as histórias nos trazem. O corpo que vive o tempo presente alimenta-se, preenche seu vazio, por aquilo que a memória evoca do tempo imemorial. Não é, portanto, uma vida sem sentido, próxima ao reino animal como queriam os colonizadores de antigamente. Pelo contrario, é uma vivência plena de significações que reverberam pelo corpo. Nossos povos são, portanto, leitores assíduos dos sentidos da existência. Educa-se, portanto, para a compreensão do mundo tal qual ele nos foi presenteado pelos espíritos ancestrais. Educa-se para viver esta verdade que para nossa gente é plena e nos mostra o caminho do bem estar, da alegria, da liberdade e do sentido.

EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO. EDUCAÇÃO PARA SONHAR.

Outro aspecto relevante da vida indígena é o sonho. Ele faz parte da crença de que há mundos possíveis de serem encontrados. O sonho é a linguagem do universo para nos lembrar que somos parentes de todos os seres vivos que co-habitam conosco este planeta. Pelo aprendizado do sonho instalamos em nós uma espécie de *software* que atualiza a memória que nos torna pertencentes a uma coletividade universal e nos faz sair da prisão que o corpo nos impõe. Daí que entendemos como o saber de um povo é, ao mesmo tempo, local e universal mesmo que ele não tenha consciência disso.

Para muitos povos indígenas brasileiros existe uma crença no outro mundo. Este outro mundo é onde moram os espíritos criadores. Acredita-se também que todas as coisas estão vivas porque possuem uma alma tornando-as nossas parentas e companheiras em nossa passagem pela vida. Esta compreensão faz com que ritualizem suas ações especialmente quando elas têm relação com estes seres animados. Dessa forma a derrubada de uma área para o plantio da roça é acompanhada de rituais que recordam que nada pode brotar se não pela atuação dos ancestrais e pela gratidão que se dispensa a eles e aos seres que criaram.

Da mesma forma acontece em rituais de caça e pesca que se envolvem os vivos e os encantados. O fato é que a crença no parentesco entre homens e outros seres vivos é uma mola propulsora eficaz criando relações íntimas que não permitem que estes povos explorem além da necessidade o ambiente onde vivem.

O fio condutor dessa relação está no sonho. Meu avô dizia ser a linguagem que nos permitia falar conosco mesmos e com os seres interiores. Dizia que não dormimos para descansar, mas para sonhar e conhecer os desejos deles. Para ele, o sonho era nossa garantia da verdade. Para mim o sonho sempre será o *locus* onde as histórias ganham realidade.

Resumindo: o corpo é o lugar onde reverberam os saberes da mente (intelectual) e os saberes do espírito (emocional). Educar é, portanto, preparar o corpo para sentir, apreender e sonhar. Pode ser também para sonhar, apreender e sentir. Ou ainda, apreender, sentir e sonhar. Não importa. É um mesmo movimento. É o movimento da *Circularidade*, do Encontro, do Sentido.

Talvez que nada disso faça sentido para o ocidental acostumado com o pensamento linear, quadrado, senhorial, possessivo. Não importa. Nunca fomos entendidos mesmo. E ainda assim sobrevivemos. Mas, mesmo assim,

é importante destacar que apesar da incompreensão por parte do pensamento ocidental - excessivamente linear quantitativo e utilitarista - estamos hoje vivendo um momento onde a diversidade de experiências culturais é o nosso valor maior. Daí porque, apesar de incompreendidas, as culturas indígenas têm um papel importante a cumprir nessa grande Ágora, onde cada um precisa contar a sua história. De resto, a incompreensão e negação dessas culturas redundam, como mostra bem Vandana Shiva, na pilhagem e usurpação dos saberes tradicionais que sempre tiveram, e ainda têm o que dizer e o que ensinar. Na educação, ensinar a sonhar certamente é uma grande lição.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida (orgs.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. Editora Unesp. SP, 2000.

CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: Mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Editora Papirus. SP, 1974.

GAMBINI, Roberto. *Espelho Índio: formação da alma brasileira*. Axis Mundi/Terceiro Nome. SP, 2000.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi; VIDAL, Lux e FISCHMANN, Roseli (orgs.). *Povos Indígenas e Tolerância*. Edusp. SP, 2001.

LOPES DA SILVA, Aracy; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (orgs.). *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. Global Editora. SP, 2002.

NORONHA ALVES, Vania de Fátima. *O corpo lúdico Maxacali*. Editora CARTE. MG, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de Índio*. Companhia das Letrinhas. SP, 1996.

_____. *O banquete dos deuses*. Editora Angra. SP, 2000.

SHIVA, Vandana. *Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento*. Vozes. SP, 1997.

_____. *Monoculturas da Mente*. Global Editora. SP, 2002.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *No bom da festa: o processo de construção cultural das família Karipuna do Amapá*. Edusp. SP, 2002.